

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

GRANDE REPORTAGEM – O HIV NA GERAÇÃO Y

São Paulo

2019

PEDRO G. MORAES – TIA 31672371

GRANDE REPORTAGEM – O HIV NA GERAÇÃO Y

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Marcelo Lopes.

São Paulo

2019

“Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu(s) autor(es).”

AGRADECIMENTOS

A minha mãe e as meus familiares, pela confiança no meu progresso e pelo apoio emocional durante todo a minha vida e em especial enquanto eu estava nessa jornada universitária.

Ao meu orientador, Marcelo Lopes, que apesar da intensa rotina de sua vida acadêmica aceitou me orientar neste projeto. As suas valiosas indicações de conteúdo e dicas fizeram toda a diferença durante todo o processo.

Sem esquecer o também professor Hugo Harris, como instrutor da disciplina de TCC I. A motivação e o auxílio por buscar trazer o meu melhor enquanto eu começava as primeiras pesquisas durante o início da realização do relatório ainda no sétimo semestre.

Com um estimado carinho, agradeço a todos os personagens que fizeram parte desse projeto. Por aceitarem tirar um pouco de seu tempo em suas vidas para me ajudar a traçar e contar suas histórias que envolvem o HIV e a busca pelo respeito e a igualdade em uma sociedade que ainda permanece preconceituosa nos mais diversos âmbitos da vida.

Aos meus colegas do curso de Jornalismo, pelas trocas de ideias e ajuda mútua. Juntos conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

RESUMO

A AIDS, (Síndrome da imunodeficiência adquirida) (do inglês, *Acquired Immunodeficiency Syndrome*) doença causada pelo vírus do HIV, (vírus da imunodeficiência humana) permanece um grave problema de saúde com agravante social público. Nas últimas quatro décadas, a doença elevou o preconceito, causou sequelas físicas e emocionais e provocou altos índices de mortalidade ao redor do mundo. Estimativas apontam que existe mais de 36,9 milhões de pessoas portadoras no mundo segundo a Organização das Nações Unidas. No Brasil, de acordo com o Boletim Epidemiológico de 2018, mais recente do Ministério da Saúde, pessoas entre 25 e 29 anos estão entre as mais infectadas. O público jovem adulto proveniente da geração Y se destaca entre o maior número de contágios nos últimos anos no Brasil. O presente relatório é de natureza descritiva e tem por objetivo compreender o processo de humanização no jornalismo que culminou em uma grande reportagem com o foco no público jovem brasileiro diagnosticado com o vírus da Aids e as suas consequências. Por meio do estudo das técnicas e da leitura sobre a humanização jornalística e o caráter humano emocional, a realização desse projeto de TCC buscou trazer um outro lado sobre o que é ser um jovem diagnosticado com o vírus do HIV nos dias de hoje.

Palavras-chave: Jornalismo humanizado. HIV. Saúde sexual. Jovens.

ABSTRACT

AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome) is disease caused by the HIV virus (human immunodeficiency virus) that remains a serious health problem with public social aggravation for the past four decades, which keeps elevating prejudice, physical and emotional sequelae and high mortality rates across the world. Estimates indicate that there are more than 36.9 million people in the world according to the United Nations. In Brazil, according to the most recent Epidemiological Bulletin of the Ministry of Health, people between 25 and 29 years are among the most infected. Young adult audiences from generation Y stand out among the highest number of infections in recent years. This term paper is descriptive in nature and aims to understand the humanization process in journalism that culminates in a large report focusing on the young Brazilian public diagnosed with AIDS virus and its consequences. Through the study of techniques and reading about journalistic humanization and emotional human character, the realization of this undergraduate thesis brings another side to who is a young person diagnosed with HIV today.

Keywords: Humanized journalism. HIV. Sexual health. Young adults.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
Referencial Teórico	
2.1 Jornalismo Humanizado	9
2.2 Grande Reportagem	11
2.3 Jornalismo Literário	12
Desenvolvimento da Peça	
3.1 Pauta	13
3.2 Estilo e Linguagem	13
3.3 Planejamento Editorial	14
3.4 Fontes	15
4. Considerações Finais	16

1. INTRODUÇÃO

Esse projeto embasa a realização de uma Grande Reportagem para a revista Piauí, com a temática sobre jovens portadores do vírus do HIV. O tema da pesquisa é a humanização do jornalismo e da notícia via uma reportagem escrita.

A noção do papel do jornalista em construir narrativas deve envolver uma contextualização precisa e profunda, lembrança de uma observação/percepção acautelada dos fenômenos sociais que rodeiam a sociedade contemporânea que vivemos. Ijuim e Sardinha (2009) defendem que o jornalismo que conhecemos é uma forma social de conhecimento. Este, que se cristaliza pela singularidade.

O ponto de vista de um jornalista na construção de sua narrativa abrange durante o processo comunicativo uma forma diferente de tratar o chamado “protagonista” de sua história. Ao produzir a sua narrativa, o jornalista tem como obrigação fazer a construção sólida da realidade.

“O fazer jornalístico busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o jornalista não se relaciona com um objeto de conhecimento, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo.” (IJUIM; SARDINHA, 2009, p.17)

Neste cenário a busca pela humanização do jornalismo serve como uma estratégia inteligente para compreender e atingir a coerência na forma do profissional firmar o seu compromisso para a sociedade em sua construção narrativa.

Esta forma de humanizar a história cria a oportunidade de ampliar a visão e a atmosfera verdadeira do conhecimento do jornalista a respeito de suas fontes e suas vidas. O serviço de interagir com outros seres humanos faz com que o jornalismo humanizado traga a o caráter humanista de observação e compreensão dos fatos que envolvem a emoção e os sentidos.

A partir dessa premissa, a pergunta problema do projeto é focada em como poderíamos desenvolver uma narrativa humanizando os personagens em uma reportagem complexa sobre jovens com HIV, de maneira que em seja trabalhado um olhar realmente afetivo, para além da visão hierarquizada e generalizada para o público em geral.

O objetivo é responder a pergunta problema. Por meio do jornalismo humanizado e suas práticas de abordagem, o projeto terá como foco a vida desses personagens. A sensibilidade será utilizada para que a contextualização ocorra de forma humanizada nos fatos narrados.

A realização da grande reportagem no formato do estilo da Revista Piauí. Com uma linguagem voltada para o jornalismo literário, esta reportagem terá como objetivo contar histórias de personagens que são portadores do HIV e figuras que lidam com a situação por meio de entrevistas e convivência por um período.

O fazer jornalístico é um ato de comunicação, que se consagra como uma questão essencialmente social. A partir do momento em que o jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada de um assunto, se torna extremamente fundamental o estudo dos métodos para que o conteúdo seja caracterizado com esse viés humanista de visão.

A razão pelo qual o jornalismo humanizado merece ser estudado é a partir do princípio em que o jornalista deve ser tomado pela racionalidade, mas também pelo anseio, e assumir uma atitude que beira a empatia e a solidariedade afeto-profissional que Medina julga a se fazer as fontes do jornalista. Dessa maneira haverá uma produção jornalística livre de julgamentos que sempre buscará trazer a verdade e a própria realidade - a partir das singularidades dos fatores humanos que são trabalhados pelo profissional desde a ideia da pauta à realização.

Um dos métodos utilizados é a maneira de pesquisa exploratória e explicativa a fim de compreender de uma maneira mais completa o conhecimento da humanização do jornalismo. A fonte de pesquisa primária como relatórios e artigos permite a oportunidade de estabelecer uma conexão com a temática do projeto e a maneira em que o conteúdo será trabalhado na apuração e construção da grande reportagem. Por meio da pesquisa de campo, permitindo que haja a extração de dados e informações diretamente da realidade do objeto de estudo no caso da fonte.

2. Referencial Teórico

2.1 Jornalismo Humanizado

Ijuim (2011) reflete sobre a questão humana na prática jornalística. Uma vez em que o jornalismo é uma ação comunicadora e a comunicação é uma questão social, “O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista.”

Podemos assegurar que cabe ao profissional ter um perfil mais humanizado na hora de transformar a pauta em um conteúdo que respeite a ética, e busque tratar de um determinado tema com um olhar mais atento e com o cuidado do não julgamento e a condenação.

Figuerêdo (2013, p.13) afirma que "a humanização torna-se possível chamar mais a atenção do leitor, pois essa característica do Novo Jornalismo e do Jornalismo Literário busca inserir e dar destaque ao ser humano nas narrativas jornalísticas." A humanização da notícia surge como uma alternativa de trazer o lado aprofundado do assunto.

Com uma abordagem de um tema considerado polêmico sob a perspectiva humanizada criaria no público a sensação de sensibilização e proximidade. Para Alves e Sebrian (2008) o dever jornalístico como processo de significação exige a observação e percepção, e também a reflexão para compreender os acontecimentos sociais e suas implicações no ambiente que estão inseridos.

O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado. (ALVES;SEBRIAN, 2008, p.2)

Medina (1996) lembra da necessidade de o repórter desenvolver uma sensibilidade diferenciada que se manifesta por meio do gesto, do olhar, da atitude corporal no momento da abordagem a sua fonte.

A responsabilidade ética e social do jornalista deve ser levada em conta no primeiro contato com as vozes de sua reportagem – uma vez em que ele está trabalhando com um mundo além do próprio. “O comunicador social relaciona, nas relações simbólicas, o universo das ideias; ao mesmo tempo, trabalha com o imaginário coletivo.” (MEDINA, 1996, p.12)

Dessa maneira, entende-se por “narrativas humanizadas” aquelas que possuem um lado de um jornalismo produzido com vidas presentes por meio de personagens e suas histórias, e também o privilegia a busca de múltiplas vozes e olhares sobre um determinado tema.

Como reforça Medina (1996), os princípios funcional-positivistas inscritos são a modernidade e novas tecnologias, que elevaram as práticas que incentivaram a separação entre o que é subjetivo e objetivo - priorizando este último nos relatos jornalísticos e, com isso, houve a diminuição das possibilidades de contextualização e, portanto, de humanização dos fatos narrados pelo jornalista.

E que para isso, o comunicador social deve refletir e ter como obrigação abrir a sua visão de mundo. Desta maneira a questão da humanização pressupõe, portanto, que o repórter assuma a natureza autoral de seu trabalho raiz, em que é possível relatar o que ouviu, o que viu e em alguns casos, o que sentiu.

“Mas, além desse esforço racional, o jornalista administra pressões externas e sentimentos coletivos quase sempre inconscientes. Se fosse possível flagrar este conflito íntimo, quase sempre se surpreenderia a fragilidade do produtor simbólico para sucumbir a cosmovisão oficial e, portanto, monolítica.” (MEDINA, 1996, p. 23)

Ao trabalhar com relatos e pessoas, o jornalista deve valorizar os personagens e tratar sua fonte como ser humano. Uma vez que este é dotado de sentimentos e pensamentos. O profissional necessita se manter longe de julgamentos ou estereótipos que envolvam o universo do indivíduo ou a situação em que ele está inserido.

Podemos dessa maneira afirmar que a narrativa desumanizada, não contextualiza o fato e não traz a dimensão humana dos envolvidos. Concluímos que

o comunicador social pode de sua maneira dosar a própria dimensão objetiva e subjetiva para construir uma narrativa humanizada, levando sempre em conta a obrigatoriedade ética de seu lado pessoal e profissional.

2.2. Grande Reportagem

Conforme destaca Lima (2010) uma grande reportagem oferece uma interpretação, aprofundamento e contextualização do fato muito maior do que a reportagem, portanto, é uma narrativa longa. Pode envolver um texto longo e horas de gravação por conta da liberdade de pauta, captação, texto e edição com que o autor pode trabalhar. Exige tempo, imersão, pesquisa de campo e grande dedicação do repórter.

Já para Sodré e Ferrari (1986) a grande reportagem deve conter características como a abundância da forma narrativa, a humanização do relato descrito e do tema, e objetividade dos fatos narrados pelo escritor. Dessa maneira, a narrativa precisa estar presente e evidente durante o relato da situação.

O tratamento narrativo, isto é a reportagem, impôs-se no instante em que Miller sentiu-se “tocado pela extrema solidão” de Floyd. Sem um “quem” e um “o que”, não se pode narrar. Na reportagem, estes dois elementos têm de existir, mas têm sobretudo, de despertar interesse humano — ou não serão suficientes para sustentar a problemática narrativa.[...] Assim, a tragédia solitária de um repórter francês (Miller) constituíram a carga dramática para a grande reportagem. (SODRÉ;FERRARI, 1986, p.14).

Para Jorge (2008), a grande reportagem é destinada a revistas, mas também é utilizada em jornais diários. “A grande reportagem é a caçada de acontecimentos incomuns e depende da argúcia e do espírito criador do jornalista” (JORGE, 2008, p.86).

Já Flosi (2012) faz uma ressalva para a diferença entre a reportagem a grande reportagem. Se a primeira é comum e rotineira, a segunda deve abordar um conteúdo que segure o leitor por meio de artifícios narrativos.

A grande reportagem só pode ser escrita por um repórter que tenha bom texto, no mínimo acima da média, pois, necessariamente extensa, não será lida se a narrativa for fraca, monótona, cansativa ou desinteressante. Deve conter atrativos como mistério, suspense, calor humano e outros elementos que só um texto criativo será capaz de explorar. (FLOSI, 2012, p.11)

2.3. Jornalismo Literário

De acordo com Pena (2006) o Jornalismo Literário de hoje bebe das águas do “*New Journalism*”, que surgiu na década de 1960 por meio do trabalho de Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote. O jornalismo literário se utiliza dos recursos de apuração, interpretação e narrativa das redações, mas os potencializa e os desenvolve. Para isso é necessário a apuração a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras características presentes nesse tipo de conteúdo apresentado.

“O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas.” (PENA, 2006, p.7)

Pena reafirma que o lide cumpriu bem seu objetivo de dar mais agilidade ao jornalismo, dessa maneira trazendo logo no primeiro parágrafo as informações principais da matéria. Em relação a objetividade do texto, essa técnica não seria tão eficaz, visto que o jornalismo é feito de opções; opções do repórter, do editor, do diretor de redação.

O Jornalismo Literário tende a romper com as fórmulas narrativas prontas, buscando na literatura mais estilo e criatividade. Entrega a possibilidade do jornalista a dar um enfoque com uma abordagem voltada ao imaginativo e lírico, e de também ser inserido dentro de sua reportagem sem que haja a alteração dos fatos e da realidade exposta.

A adição de diálogos extensos na narrativa, personagens de verdade como protagonistas, e uso de figuras de pontuação marcam o “*new journalism*” como uma alternativa para o jornalismo factual tradicional. Para Lima (2010) a cena e as ações são os elementos fundamentais para a composição do estilo.

No jornalismo literário é necessário reunir um elenco de diversos recursos de texto em torno de uma linha condutora, para dar certo a integração da cena – e também do sumário, quando é o caso – com as demais ferramentas à disposição do jornalista. A linha condutora, no texto do jornalismo literário, chama-se contar história. (LIMA, 2010, p.18)

3. Desenvolvimento da Peça

3.1 Pauta

Perto de completar quatro décadas desde de sua descoberta, a AIDS (Síndrome da imunodeficiência adquirida) (do inglês, *Acquired Immunodeficiency Syndrome*) doença causada pelo vírus do HIV (vírus da imunodeficiência humana) permanece um grave problema de saúde com agravante social público. (UNAIDS, 2017). Estimativas apontam que existe mais de 36,9 milhões de pessoas portadoras no mundo.

De acordo com as Nações Unidas, Na América Latina no geral há o acometimento de 1,8 milhão de indivíduos, com o Brasil permanecendo o líder em novos contágios. O grupo de maior risco é o de homens, estimado 27 vezes maior entre homossexuais; 23 vezes maior entre pessoas que usam drogas injetáveis; 13 vezes maior entre profissionais do sexo; 12 vezes maior entre mulheres trans.

Para a UNAIDS, a faixa etária entre 10 e 24 anos constitui um quarto da população mundial, e eles estão entre os mais afetados pela epidemia global do HIV. Em 2013, estima-se 4,96 milhões de pessoas entre 10 e 24 anos estavam vivendo com HIV e jovens entre 15 e 24 anos foram responsáveis por 35% de todas as novas infecções em todo o mundo em pessoas mais com mais 15 anos de idade.

Já para a OMS (2015), um dos fatores responsáveis pelo aumento de casos nesse grupo específico é por conta do período do desenvolvimento físico e emocional do jovem. “A transição da infância para a vida adulta é um momento para explorar e navegar nas relações entre pares, normas de gênero, sexualidade e responsabilidade econômica.”

Segundo BRASIL (2017), a distribuição proporcional dos casos de AIDS, identificados de 1980 até junho de 2017, mostra uma concentração nas regiões Sudeste e Sul, correspondendo cada qual a 52,3% e 20,1% do total de casos; Os

casos em homossexuais acometendo homens, têm relevância no Sudeste com 46,1% enquanto nas outras regiões do país o maior predomínio é de contágios no grupo de heterossexuais.

Uma investigação será feita para descobrir os motivos da Aids continuar uma preocupação de saúde por meio de pesquisa em artigos oficiais e livros relacionados ao tema. Estudar e compreender como é feita uma grande reportagem para o veículo em que o projeto fará parte. Procurar informações sobre políticas públicas e dados governamentais a fim de compreender o que está sendo feito para diminuir os novos casos do HIV no público jovem.

3.2. Estilo e Linguagem

Este projeto será uma Grande Reportagem. Como dito no Item 1.2. de acordo com Lima (2010), a grande reportagem oferece uma interpretação subjetiva, aprofundamento e contextualização de um fato muito maior do que a reportagem, portanto, é uma narrativa longa preocupada com os detalhes e seus personagens que trazem para a grande reportagem um senso de preocupação jornalística acerca da temática. O aprofundamento narrativo será construído com a sequência que criarei de acordo com os pontos marcantes do modelo desdobrando uma longa matéria jornalística.

Por se tratar de uma grande reportagem dentro da Revista Piauí, a estratégia portanto será a de seguir a linha editorial da publicação e seus textos que proporcionam uma narrativa que instigue o leitor. Por se tratar de um veículo versátil e com suas pautas variáveis que vão desde sobre matérias que tratam da cultura brasileira à ciência e tecnologia, a perspectiva irá contribuindo para a humanização do conteúdo que será exposto na grande reportagem.

A subjetividade dos personagens será uma das pontos tratados durante o texto voltado para o jornalismo literário - comum nas grandes reportagens da Revista Piauí. Como definido por Pena (2006) o jornalismo literário é caracterizado pelo "rompimento do lide tradicional", descrição de cena como elemento fundamental e profundidade aos relatos descritos pelos personagens.

De acordo com o *Item 2.2*, o jornalismo humanizado terá um grande papel na construção estilística e formatação da grande reportagem. Devido ao fato do projeto ter como o foco a juventude e o HIV é preciso tomar cuidado para que a reportagem não trate seus personagens de maneira insensível. É necessário alcançar a empatia com as fontes, buscando se identificar, sentir o que ela sente, se colocando no lugar da mesma e aprender sobre o seu comportamento e suas visões.

2.3. Planejamento Editorial

A grande reportagem foi pensada em ter como base cerca de sessenta mil toques. Repito que seguiu o estilo editorial do conteúdo editado na Revista Piauí e suas grandes-reportagens, já que ela tem como característica textos descritivos e interpretativos, e faz o uso de técnicas de humanização, imersão do tema, criatividade e figuras de linguagem. A diagramação se dará nos moldes de quatro colunas para a primeira página evidenciando o texto. A capa busca trazer a identidade da revista com o pinguim, e para dar uma diferenciada e acentuar o tema, foi colocado o laço vermelho que simboliza a empatia e aceitação.

A revista Piauí se destina a um público que tenha o interesse por uma leitura de histórias desenvolvidas e longas. Dessa forma, separarei a grande reportagem com subtítulos, dando voz para as fontes e assim dedicando o espaço para cada uma delas, traçando suas histórias. Os subtítulos fazem alusão a minha interpretação pessoal sob personagens. Para as fotografias utilizadas na grande reportagem o meu objetivo foi fotografar retratos dos personagens. Partes do corpo pegando um ângulo de costas, da boca, olhos, mãos e braços com a intenção de preservar os personagens de uma exposição não desejada pelos mesmos.

3.4. Fontes

A ideia foi desde o início trabalhar com personagens representativos da realidade - jovens diagnosticados soropositivos, e como convivem sabendo do seu diagnóstico. Eu busquei procurar por essas pessoas na internet. Refúgio de muitos jovens nos dias de hoje, encontrei minha primeira fonte no *Twitter*, rede social que abriga uma quantidade enorme de perfis que exploram a sexualidade de maneira

livre de julgamentos. Fui atrás de casos documentados em grupos fechados no *Facebook*. Porém, encontrei grandes dificuldades em achar fontes que realmente fossem pessoas na faixa etária que o projeto teve como foco.

Durante toda a pesquisa por fontes, presenciei a dificuldade por vozes femininas no projeto – no caso, jovens mulheres soropositivas, e também por pessoas heterossexuais. Entrei em contato com ONG's, como a Fundação Poder Jovem e a '*Rede São Paulo+*'.

Foi quando eu tive a oportunidade de expandir o projeto com mais personagens que adicionam riqueza ao texto. As entrevistas e acompanhamento de suas histórias foram necessárias para que houvesse uma empatia entre o jornalismo e a vida dessas pessoas. Ao todo foram cinco entrevistas fundamentais para a composição do projeto. Três entrevistados homens de mundos sociais diferentes que compartilharam a descoberta do HIV em algum momento de suas jornadas. A conversa com a excelente ativista e acolhedora da Fundação Poder Jovem. A oportunidade de fala 16 da psicóloga e sexóloga sobre o assunto foi de extrema importância para compor um caráter jornalístico de confiança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo esse trabalho de pesquisa e de trabalho de campo resultou na produção da grande reportagem "A Nova Era do HIV". O título traz uma referência para essa retomada de casos da enfermidade que agora está acometendo o público jovem com uma tamanha força. As dezenas de semanas de pesquisa e apuração propuseram um melhor olhar jornalístico sobre o assunto e como seria a composição da grande reportagem.

A sensibilidade que busquei trazer durante o texto também teve um impacto pessoal. Em uma das entrevistas e encontros me encontrei abalado em visitar o Centro de Referência e Tratamento de DST/Aids. As conversas e entrevistas também trouxeram a questão da empatia e pude me colocar no lugar de amigo de pessoas que nunca tinha conhecido. Busquei trazer durante a construção do texto, a resposta da pergunta problema e permitir uma reflexão para o leitor sobre o tema.

Encontrei conflitos durante a realização do projeto. Como mencionado, a dificuldade por vozes e personagens femininos me forçou a ter como personagens soropositivos somente aqueles pertencentes do sexo masculino. Com isso, busquei trazer esses três personagens com diferentes focos e histórias de vida. Cada um era diferente. Cresceram em regiões opostas da cidade, contraíram o vírus de maneira singular e cada um convive com ele seguindo uma rotina separada. Os encontros foram distintos e cada um deles me mostrou uma perspectiva diferenciada do que é ser um jovem soropositivo.

Todo o processo foi uma vivência valiosa pessoal e profissional. Como jornalista fiz o que sempre gostei – contar histórias e buscar trazer um lado humanizado da temática. Por todas as fontes que prontamente me atenderam sem pensar duas vezes, fui tratado como um futuro profissional da área e com muito respeito e admiração.

Escrever sobre AIDS/HIV foi um imenso prazer de trazer para o leitor um tema que ainda possui um tamanho peso na sociedade. Eu possuía um conhecimento limitado sobre o assunto. Nunca tive contato com uma pessoa soropositiva mas sempre tive um imenso interesse pelo tema. De maneira alguma quis deixar a impressão textual que a doença é algo reservado somente para homens homossexuais e sim que o vírus pode estar à espreita de qualquer um. Por fim, quis também ressaltar que hoje ser uma pessoa soropositiva não é uma sentença de morte, como ressaltaram os meus entrevistados, e sim uma esperança e continuidade normal da vida.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. 2008. 15 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade Estadual do Centro-oeste, Guarapuava, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf>>.

Acesso em: 30 out. 2018.

FIGUERÊDO, Patrícia de Moraes. **Humanização de Reportagens:: Uma Análise da Revista Correio**. 2013. 78 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Centro Tecnológico, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/4018/1/21005919.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

FLOSI, Edson. **Por Trás da Notícia: O processo de criação das grandes reportagens**. São Paulo: Summus, 2012. 168 p.

JORGE, Thaís de Medonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para iniciantes**. 1 Ed. São Paulo: Edusp, 2010. 104 p.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996, p. 11-34; 211-37.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Org.). **Boletim Epidemiológico: HIV AIDS 2017**. Brasília, 2017. 64 p. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaids-2017>>. Acesso em: 30 out. 2018.

MIRANDA, Adriana Andrade. **Movimentos Sociais, AIDS e Cidadania: O direito à saúde no Brasil a partir das lutas sociais.** 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3330/1/2007_AdrianaAndradeMiranda.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

OMS (Org.). **HIV e Homens Jovens que tem relações com outros homens.** Genebra, 2015. 40 p. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/179867/WHO_HIV_2015.8_eng.pdf;jsessionid=43E8D0B81876EA360CBD19519C2E62A6?sequence=1>. Acesso em: 30 out. 2018.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Editora Contexto, 2006. 144 p.

SODRÉ, Muniz e Ferrari, Maria Helena. **Técnica de reportagem – Notas sobre a Narrativa Jornalística.** 7 Ed. São Paulo: Summus, 1986.

UNAIDS (Org.). **Um longo caminho a percorrer: fechando lacunas, quebrando barreiras, corrigindo injustiças.** Genebra, 2018. 268 p. Disponível em: <http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/miles-to-go_en.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.